

QUEM FOI FERNÃO LOPES?



Fernão Lopes, cronista-mor durante mais de 20 anos, relatou acontecimentos extraordinários do século XIV. Muitas das suas crónicas perderam-se no tempo, salvaram-se as de D. Pedro, D. Fernando e **D. João I**.

Ainda não era rei, D. Duarte quis os feitos de seu pai, D. João I, imortalizados e, a segunda dinastia, a da casa de Avis, que chegara ao trono aclamada pelo povo, legitimada também pela narrativa histórica. Chamou o **guardião das escrituras da Torre do Tombo** e entregou-lhe a tarefa de **redigir as crónicas de todos os reis da primeira dinastia** e a do décimo rei de Portugal, cognominado o da Boa Memória.

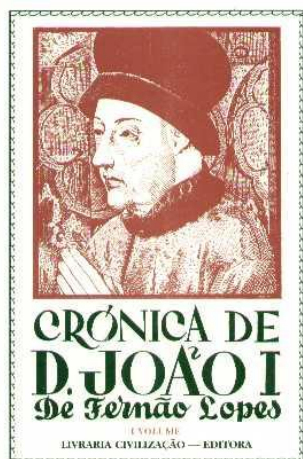
Fernão Lopes, escrivão de ofício, aceita em 1434 o cargo de cronista do reino e uma renda de 14.000 reais. Tinha a formação de saber pesquisar documentação, de consultar narrativas,

registos, arquivos, atas das cortes.

Rigoroso, **cruza informação para assegurar a veracidade dos factos**. No prólogo da “Crónica de D. João I”, o cronista explica que a sua vontade é “escrever verdade sem outra mistura”. Mais do que uma narrativa, as crónicas são feitas de uma linguagem viva e acessível, um relato quase reportagem dos acontecimentos, como o retrato que faz da revolução de 1383-1385, do levantamento do povo de Lisboa que rejeita ver o país perder a independência e escolhe para seu novo rei, o mestre de Avis.

De origem humilde e formação modesta, Fernão Lopes, nascido provavelmente em Alfama, Lisboa, é por muitos considerado o pai da história portuguesa. Em 1454, Afonso IV dispensa-o da função de cronista e substitui-o por Gomes Eanes de Zurara. Novas páginas de Portugal iriam ser escritas.

CRÓNICA DE D. JOÃO I



A **Crónica de D. João I** foi escrita por Fernão Lopes, por volta de **1450**, e constitui, após as crónicas de D. Pedro e de D. Fernando, a terceira e **mais perfeita das três grandes crónicas** compostas pelo primeiro cronista régio.

Esta crónica, impressa pela primeira vez em Lisboa, em 1644, foi deixada incompleta por Fernão Lopes, sendo de sua autoria a primeira (o interregno entre a morte de D. Fernando e a eleição de D. João I) e a segunda parte (o reinado de D. João I até 1411), não se sabendo se terá legado manuscritos para a terceira parte, redigida pelo seu sucessor, Gomes Eanes de Zurara, conhecida como Crónica da Tomada de Ceuta.

O seu desejo é “em esta obra escrever verdade sem outra mistura”, para o que faz concorrer toda uma série de documentos possíveis, desde testemunhos orais a narrativas passando por documentos oficiais, confrontando-os entre si para assegurar a veracidade dos registos existentes. Ao mesmo tempo, esta crónica estabelece, de certa forma, o ponto de chegada das duas crónicas precedentes, na medida em que estas preparam os acontecimentos que culminam com a sublevação popular e

consequentemente, com a coroação de D. João I.

A **primeira parte da crónica descreve a revolução de Lisboa** na narração célere dos episódios quase simultâneos do **assassinato do conde Andeiro**, do **alvoroço da multidão que ocorre a defender o Mestre** e da **morte do bispo de Lisboa** (capítulo 11). Ao longo dos capítulos, fundamenta-se a **legitimidade da eleição do Mestre**, consumada nas cortes de Coimbra, na sequência da argumentação do Doutor João das Regras, enquanto desfecho inevitável imposto pela vontade da população. Nesta primeira parte, o talento do cronista **na animação de retratos individuais, como os de D. Leonor Teles ou D. João I**, excede-se na **composição de uma personagem coletiva, o povo**, verdadeiro protagonista que influenciou os acontecimentos históricos.

Na segunda parte, o ritmo narrativo diminui, tratando-se agora de reconhecer o rei saído das cortes, e é de novo pela ação do povo que a glorificação do monarca é transmitida, como, por exemplo, no modo como o acolhe a cidade do Porto. Um outro momento de maior relevo é consagrado, nesta parte, à narrativa da Batalha de Aljubarrota, embora aí não ecoe o mesmo tom de exaltação com que, na primeira parte, colocara em cena o movimento da massa popular.